

As "VACANÇAS" DA JOSETTE

MARIA ISABEL DE MENDONÇA SOARES
ILUSTRAÇÕES DE MARGARIDA AZEVEDO



DEJABROCHAR

6.11. *As "Vacanças" da Josette*⁴², de Maria Isabel Mendonça Soares: do estranhamento ao afecto

José António Gomes
(ESE-IP Porto)

Sara Reis da Silva
(IE – Universidade do Minho)

Resumo: Pretende-se, neste estudo, proceder a uma leitura do conto *As Vacanças da Josette*, de Maria Isabel Mendonça Soares, atendendo à sua temática e à sua organização narrativa. Num estilo jovial, que se aproxima intencionalmente do potencial recetor, a autora ficcionaliza o regresso de férias a Portugal de um casal emigrado em França, desenhando um retrato do seu país natal a partir da ênfase nas suas tradições gastronómicas e religiosas, por exemplo.

Palavras-chave: afectos, cultura portuguesa *vs.* cultura francesa, família, in(adaptação), infância, Maria Isabel Mendonça Soares, mundo rural, tradições portuguesas.

42. Il. Margarida Azevedo, Porto: Desabrochar, 1990.

Abstract: This study presents a reading of the short story *As Vacanças da Josette*, by Maria Isabel Soares Mendonça, given its theme and its narrative organization. In a jovial style, that intentionally approaches to the potential receptor, the author fictionalizes the return from holiday to Portugal of a couple emigrated in France, drawing a portrait of his native country underlining their culinary and religious traditions, for example.

Keywords: affections, childhood, countryside, family, in(adaptation), Maria Isabel Soares Mendonça, Portuguese culture vs. French culture, Portuguese traditions.

Escrita por uma autora com uma obra considerável e uma especial dedicação ao leitor infantil ou à criança, a narrativa *As "Vacanças" da Josette*, de Maria Isabel Mendonça Soares (Lisboa, 1922), ficcionaliza, como o título acaba cataforicamente por assinalar, um tempo particular – o das férias – e uma personagem com um nome singular. A abertura do relato, demarcado e intitulado "As "vacanças" da Josette", num registo vivo, próximo do leitor e escrito por um narrador que aparentemente se confunde com o autor empírico, esclarece os principais aspectos da história pessoal da protagonista, Josette, como a origem da sua família ou o encontro dos seus pais.

Tematizando o regresso de férias a Portugal de um casal emigrado em França, Maria José e Zé Maria, pais de Josette, e a (in)adaptação desta aos hábitos, costumes ou tradições, espaços, entre outros, da terra natal, a acção, manifestamente simples, desenvolve-se em torno da visão, das interacções e das reacções da protagonista. A estrutura bipartida do relato substantiva a própria arquitetura da acção que decorre em dois espaços físicos distintos – "Penedo da Serra" (na primeira parte) e "Parreirinha do Lima" (segunda parte) –, correspondentes às terras natais do pai e da mãe de Josette. Topónimos e antropónimos, aliados a outras referências de índole sociocultural, por exemplo, contribuem para a construção de um cenário e para

ancorarem as vivências das personagens quer no espaço de origem e de regresso, quer, implícita ou indiretamente, no espaço de acolhimento.

A ficcionalização do tópico da "aceitação pelos filhos de emigrantes do país de origem dos pais" (Blockeel, 2001: 262), como regista Francesca Blockeel, é visível logo na chegada e nos momentos iniciais de Josette na aldeia do pai. No princípio, com ostensivas dificuldades, tornando-se progressivamente mais simples e, acabou finalmente, por se efetivar, a adaptação, a aceitação e, mesmo, o gosto/interesse pela diversidade/diferença constituem etapas de um processo complexo, decorrente da "mistura" (choque, até) de culturas, de uma duplicidade que, pelo facto de ser "imposta" ou forçada pelas condições socioeconómicas, por exemplo, reclama uma consciente abertura ao Outro.

Assim, assistimos, na primeira parte, a sucessão de reacções negativas da protagonista face ao espaço físico:

Era uma povoação pobre, com casas de pedra escura, mas arrumadas em ruzi-nhas estreitas onde o pó era tanto que os sapatos se enterravam nele (...). (...) o aspecto da terra natal do pai não agradou à Josette, que perguntava a si própria, de muito mau humor, o que vinham eles fazer ali para tão longe, e a uma terra tão velha e feia (p. 8);

à alimentação:

Quando se sentaram à mesa para o pequeno-almoço, a Josette fez careta ao café com leite que a avó deitava nas tigelas de loiça, e resmungou, afastando a aia: –Não gosto disto. Quero iogurte. (p. 10);

e às tradições:

(...) rompeu a música a tocar, no meio do estoiro dos morteiros e dos foguetes. Era aquele o costume. Logo ao nascer do sol, estalava a alvorada, a anunciar ao povo que chegava o dia da festa. Que gente selvagem! Estava ela tão bem a dormir! (p. 10).

Pontualmente, ao longo do relato, na voz do narrador percebe-se a atitude recriminatória, sendo o discurso de índole valorativa: "A tolinha da Josette tam-

bém não gostou da carne com batatas que a avó Hermínia cozinhara a preceito, e que o pai e a mãe saboreavam deliciosos” (p. 13).

À medida que a ação avança, a “desconfiança” (p. 15) da protagonista vai abrاندando: “a Josette tinha de reconhecer que a festa era muito mais bonita do que esperava. Seguiu, com os olhos maravilhados, a imagem da Senhora que parecia viva” (p. 15); “Então a Josette viu como eram engraçadinhos os meninos e as meninas vestidos de azul, de branco e de cor-de-rosa” (p. 16) e:

Mas talvez que o melhor remédio para a cura fosse o carinho com que a avó a tratou, e que finalmente a sarou de um outro mal: a sua desconfiança. Agora a Josette já sabia fazer-se entender, e esforçava-se, por seu lado, por compreender os outros; aos poucos e poucos aprendia palavras novas daquela língua que também era a sua (p. 21).

Já na segunda parte da narrativa, o olhar de Josette transforma-se. A admiração, o interesse e uma satisfação evidente pautam a secção “2.^a Parte Em Parreirinha do Lima”:

Mas, ou porque a Josette já estava mais bem disposta ou porque realmente a terra natal da mãe era muito mais bonita, o certo é gostou dela logo à primeira vista: casas de paredes claras entre arvoredos, campos e vinhedos, muita água e verdes sombras (p. 32).

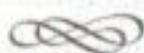
O *explicit* materializa também o gosto proporcionado pela descoberta da já aludida diversidade: “Afinal tinha valido a pena conhecer o país onde a mãe e o pai haviam nascido” (p. 52).

Globalmente, do retrato de Portugal, desenhado na narrativa em análise quer a traços nítidos, quer em linhas subtis, emergem aspectos como a vivência tranquila no mundo rural e o inevitável contacto com os animais, a especial gastronomia e a valorização das tradições, designadamente, por exemplo, os rituais religiosos, bem como a partida forçada do país, para destinos como Brasil, Canadá e Alemanha. Numa linha que, na literatura portuguesa, remonta à exaltação garrettiana da terra portuguesa, ao romantismo ruralista de um prosador como Júlio Dinis (1839-1871) ou à poesia de um António Nobre (1867-1900) – simbolista de laivos novi-românticos e pré-saudosistas, que escreve em França a nostalgia da idealizada terra natal –, observa-se, ainda, a preocupação de revalorizar as raízes

culturais do emigrante português aos olhos dos seus filhos (neste caso, de Josette) numa atitude também ela quase romântica. Atitude que não é de estranhar numa autora que, tanto por motivos geracionais como por razões de natureza ideológica, prolonga, ainda, na sua escrita, um certo influxo nacionalista com origem quer na Primeira República, quer nas primeiras décadas da ditadura salazarista. É, pois, como se a (re)descoberta da terra portuguesa empreendida involuntariamente pelos mais novos fosse capaz de proporcionar um singular deslumbramento, susceptível de vencer a resistência inicial da criança a uma cultura e a uma geografia que sente como estranhas e de repor um certo equilíbrio entre a qualidade de vida do país de acolhimento (economicamente mais desenvolvido e culturalmente influente) e a da terra de origem cujas virtudes “simples” mas “autênticas” surgem indiretamente enfatizadas.

Do ponto de vista técnico-estilístico, note-se a presença assídua de segmentos dialógicos, a simplicidade lexical e sintáctica, a adjectivação, usada equilibradamente e contribuindo, de forma determinante, para a recriação de cenários, por exemplo, as questões retóricas, que procuram implicar o leitor no próprio relato, o tom coloquial e vivo ou, ainda, o humor.

Escritora, tradutora, pedagoga, professora, diretora-adjunta de jornais infantis e uma das colaboradoras da Acção Católica Portuguesa no período estadonovista, Maria Isabel Mendonça Soares é um nome relevante na História da Literatura Portuguesa para Crianças, um nome e uma obra a merecerem revisitação e releitura.



Referências bibliográficas

- Blockeel, Francesca** (2001), *Literatura Juvenil Portuguesa Contemporânea: Identidade e Alteridade*, Lisboa: Caminho.